

Gravações do programa *Visita Guiada* na Ribeira Lima

— *A equipa editorial*

Entre os dias 28 e 30 de Janeiro do corrente ano tiveram lugar no Vale do Lima as gravações para dois episódios do programa da RTP 2 *Visita Guiada*, coordenado e apresentado pela jornalista Paula Moura Pinheiro, que tem como propósito dar a conhecer a história e património portugueses. Tanto um como outro pretendem divulgar junto do grande público o valor patrimonial da casa senhorial — na qualidade de objecto artístico, mas também enquanto eixo para uma história familiar e social — tal como ele se patenteia ricamente na região.

Um dos episódios gravados conta com a participação de Maria de Lurdes Rosa, Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e aí responsável pelo projecto *Vinculum*, debruçando-se especialmente sobre a temática dos arquivos de família. Foram contemplados o acervo documental do Paço de Calheiros, na freguesia do mesmo nome do termo de

Ponte de Lima, o do Paço de Lanheses, na freguesia epónima do concelho de Viana, o da Casa da Lage, em S. Pedro de Arcos, e o da Casa de Aurora, no centro histórico da vila de Ponte de Lima. Lembremos que os arquivos do Paço de Calheiros e da Casa da Lage foram já objecto de integral digitalização e disponibilização ao público através da plataforma *online* do Arquivo Municipal de Ponte de Lima, e o da Casa de Aurora tem vindo a receber o mesmo tratamento.

Já o segundo episódio dispôs da orientação de Miguel Ayres de Campos Tovar, investigador do referido projecto, e é dedicado à evolução arquitectónica e história social das casas senhoriais da Ribeira Lima, seguindo os traços gerais do argumento desenvolvido no seu recente livro sobre o tema (*À descoberta dos solares da Ribeira Lima: um património entre a continuidade e a reinvenção*, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2023). Dar-se-ão neste a conhecer a Torre de Refóios, enquanto representante lídima da *domus fortis* medieval, o Paço de Vitorino, em Vitorino das Donas, ilustrando a abertura da elite local aos horizontes globais do império, e a Casa das Torres, na freguesia da Facha, emblemática da afluência gozada pelos primeiros *brasileiros* no século XVIII. O périplo termina com um regresso ao sobredito Paço de Calheiros — solar repre-

Primeiro congresso comemorativo dos 900 anos do foral de Ponte de Lima

— *A equipa editorial*

sentativo como poucos da enorme continuidade histórica e familiar que pode assistir a este património.

Os episódios serão emitidos na 13.^a temporada do programa, entre Abril e Maio de 2024, o que coincide com o décimo aniversário do mesmo. Ficarão ainda, como todos os produzidos até à data, integralmente disponíveis online na plataforma *RTP Play*.

No quadro da preparação para a celebração dos 900 anos do foral teresino de Ponte de Lima, a assinalar em 2025, as comemorações vividas no ano corrente revestiram-se já duma solenidade especial. Afortunadamente, não lhes foi alheia a valorização científica dos temas de história regional, sob a forma dum grande congresso consagrado ao tema *Ponte de Lima: do Neolítico à Idade Média*. Decorrido ao longo dos dias 4 e 5 de Março no Auditório dos Paços do Concelho, a organização do evento ficou a cargo dos académicos Alexandra Esteves (Universidade do Minho) e José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa), que souberam reunir no seu programa alguns dos principais nomes da arqueologia e dos estudos medievais portugueses.

No primeiro dia, o público foi brindado com intervenções de Luciano Vilas-Boas,

Ana Bettencourt, Diego Machado, Fernanda Magalhães e Letícia Rua, Andreia Arezes e Carlos Alberto Brochado de Almeida (cobrindo o período pré-medieval), seguindo-se Amélia Aguiar Andrade, Maria Helena da Cruz Coelho e Maria de Lurdes Rosa, esta em representação do projecto *Vinculum*, já com temas respeitantes à Idade Média. A segunda jornada fez-se das comunicações de Arnaldo Melo, Joana Sequeira, José Augusto Sottomayor-Pizarro, Mário Farelo, Luís Rêpas, Maria João Pinho, Gonçalo Vidal Palmeira, Maria do Carmo Franco Ribeiro, António Pereira e Carla Xavier, Cândido de Oliveira Martins, Miguel Ayres de Campos Tovar e Sérgio Guimarães de Sousa. Rematou-se o encontro com uma palestra proferida por António Matos Reis, especialista no tema do municipalismo medieval português, em que se analisaram tanto o texto como o contexto do foral outorgado a Ponte de Lima em 1125.

O volume de actas, que se desdobrará na função dum valioso repositório historiográfico, tem publicação prevista — talvez algo optimisticamente — para o final do presente ano, e configurará sem dúvida um contributo de monta para a bibliografia da história regional. Anuncia-se novo congresso para Novembro, votado à Época Moderna, e outro ainda para Março de 2025 dedicado a temas da contemporaneidade.

Programa Iberarquivos apoia tratamento do arquivo da Misericórdia de Ponte de Lima

— *A equipa editorial*

Na sequência da 28.^a reunião do Conselho Intergovernamental Iberarchivos/Iberarquivos, em Montevideo, foi tornada pública a 20 de Abril do presente ano a aprovação da candidatura submetida pela Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima para apoio ao tratamento do seu arquivo histórico. Trata-se de uma de apenas duas candidaturas portuguesas aprovadas pela entidade para 2024, sendo a outra referente a um projecto da Fundação Mário Soares e Maria Barroso.

O dossier de candidatura foi preparado por Cristiana Vieira de Freitas, responsável pelo Arquivo Municipal de Ponte de Lima, e Miguel Ayres de Campos Tovar, historiador e investigador na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O projecto foi apresentado sob o título *Malhas que o*

império tece: entre o local e o global no arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima (séculos XVI a XX), e tem um prazo de execução de oito meses. O seu fito é a descrição do acervo documental da instituição produzido desde as origens até 1982; este trabalho será complementado pela digitalização do mesmo mediante parceria já concertada com o Município de Ponte de Lima e o seu arquivo municipal. A documentação digitalizada, que se estima venha a orçar na região das 200.000 imagens, ficará integralmente disponível ao público através da plataforma digital desta última instituição, e virá seguramente a representar um contributo precioso para a investigação e para a memória regional.

O programa de cujo apoio ora beneficiará a Misericórdia limiana foi criado em 1998 no âmbito das Conferências Ibero-americanas de Chefes de Estado e de Governo, no sentido de estimular a cooperação arquivística entre as nações participantes, promovendo a proteção e a difusão do património documental ibero-americano, nomeadamente através da concessão de ajudas a projetos arquivísticos. Em atenção ao âmbito e foco da entidade, que privilegia arquivos susceptíveis de fortalecer laços de amizade e mútua compreensão entre países aderentes, a candidatura apresentada destacou a forte ligação da irmandade ao universo

brasileiro e a representatividade de limianos para aí migrados entre os seus beneméritos e legatários — eloquente, afinal, da densa interpenetração entre o Minho e a América Portuguesa entre os séculos XVI e XIX.

Património ameaçado na quinta da Baldrufa, em Ponte de Lima

— *A equipa editorial*

Não podem deixar de se afigurar extremamente preocupantes, para todos aqueles que valorizam o património histórico-artístico limiano, as violentas transformações sofridas ao longo dos últimos meses pela histórica quinta da Baldrufa, sita à entrada sudoeste da vila de Ponte de Lima, às mãos dos seus actuais proprietários, que a vêm retalhando e colocando em perigo muito dos seus elementos arquitectónicos. Para consternação geral, desapareceu já do recinto um belo fontanário de espaldar epigrafado, com nicho e peanhas, datado de 1731; teme-se ainda pelo destino do excepcional cruzeiro seiscentista existente a face da Estrada Nacional 203, oriundo da quinta de Canidelo em Brandara, transposto para a implantação actual na segunda metade do século XX, bem como do altivo portão armoriado, onde pontifica o apanágio heráldico dos primitivos senhores da casa. O próprio imóvel senhorial, penosamente negligenciado há muitos anos, oferece sérios motivos de apreensão, sendo patentes as suas fragilidades estruturais.

A quinta da Baldrufa, os seus jardins e a sua morada nobre, cujas origens remontam ao século XVI, sediaram um pequeno mas rendoso morgadio instituído no século XVI; por largas gerações a sua administração andou na descendência de Diogo Pereira e de sua mulher Violante Lopes de Calheiros. Com o correr dos séculos, a propriedade veio a ser alienada por esta família, e acabou por chegar à posse de Miguel da Silva de Vasconcelos Porto (1912-2000). Conceituado poeta, com vasta obra publicada sob o pseudónimo *António Porto Além*, foi além de literato e colecionador de arte uma personalidade de saudosa memória local; aqui viria a falecer, à vista das águas do Lima, naquela que celebrenemente apodou “a terra do meu sonho e do meu desterro”. Merecidamente, após os vários melhoramentos que aqui empreendeu, afixou à frontaria da casa as suas próprias armas— a saber, as que lhe advinham da avó paterna Maria Carlota Coelho de Vasconcelos Vilas-Boas, correspondentes ao seu prezado costado alto-minhoto.

Por todos os factos referidos, bem como pela sua implantação privilegiada face a uma das entradas nobres da vila, pode bem afirmar-se que este conjunto configura um valor patrimonial da maior saliência e afectividade. Infelizmente, o seu processo de classificação, aberto por despacho de 18 de Novembro de 1994, revelou-se frustrado e veio a ser arquivado em 2001 — pelo que não vigora sobre

ele qualquer regime de protecção. Só através de medidas extraordinárias, como as que outrora salvaram a magnífica casa dos da Garrida (com especial empenho do então Presidente da Câmara, Dr. João de Abreu Lima) será possível assegurar a sua salvaguarda para a fruição de futuras gerações. Numa vila tão pesadamente vitimada por ofensas ao património histórico ao longo dos séculos XIX e XX, vem-se tornando indesculpável qualquer tipo de complacência com estas ameaças à memória e ao bem comuns, fruto da ganância e da insensibilidade. Uma sociedade civil crescentemente qualificada e preocupada com a preservação do seu legado secular saberá decerto suscitar aos seus representantes eleitos a devida resposta — ou, falhando esta, responsabilizá-los severamente pela lesão sofrida.



— *Fig. 1*

Fontanário setecentista existente até ao início do presente ano na quinta da Baldrufa, cujo paradeiro actual se desconhece. Fotografia de Manuel Guilherme Vasconcelos.

Uma tampa de sepultura medieval negligenciada em São Pedro de Arcos

— *A equipa editorial*

Em 2021 foram informadas as entidades competentes — o Município de Ponte de Lima, a Junta de Freguesia de São Pedro de Arcos e a respectiva paróquia — da identificação duma lápide sepulcral medieval, abandonada e irreferenciada, num terreno pertencente a esta última. Trata-se de uma tampa de túmulo rectangular, ao que tudo indica quatrocentista, que sabemos (mercê dum desenho do saudoso investigador local José Rosa de Araújo, publicado no seu *Caminhos velhos e pontes de Viana e Ponte de Lima*, de 1962) ter estado outrora incrustada no pavimento junto ao pórtico lateral da igreja paroquial de São Pedro de Arcos. A sua implantação original teria no entanto, com toda a probabilidade, sido no interior do templo, que sofreu pesadas reformas durante a Época Moderna e ao longo dos séculos XIX e XX.



— *Fig. 2*

Condição actual da lápide sepulcral tardo-medieval oriunda da igreja paroquial de São Pedro de Arcos. Fotografia de Miguel Ayres de Campos Tovar.

A peça caracteriza-se pelo baixo-relevo duma cruz florenciada, inserta em campo redondo, bastante próxima da que ostenta a tampa da sepultura do abade Estevão Anes na capela de Santa Eulália de Refóios (esta datada por epígrafe de 1433). É concebível que, como no caso de Refóios, a iconografia aluda à identidade de um cura, patenteando as insígnias do seu *múnus* paroquial sob a forma de uma cruz processional estilizada — conquanto aqui sem a haste. Conhecem-se outros exemplos estreitamente comparáveis; é o caso de uma muito semelhante, mas epigrafada, existente no depósito lapidário do Mosteiro de Pombeiro, em Felgueiras. Esta respeita, por sua vez, a uma senhora fidalga, de nome Sancha Pires de Lobeira, e data com toda a probabilidade ainda do século XIV. Foi oportunamente proposta por um grupo de interessados a exposição desta relíquia arqueológica no adro da igreja

paroquial de São Pedro de Arcos, fixa e acompanhada da devida legenda, ou em alternativa a sua inclusão no espólio lapidário do Museu dos Terceiros, na vila de Ponte de Lima. Dada a inércia das entidades contactadas, contudo, ela continua negligenciada, sujeito ao roubo e ao dano, no mesmo local inóspito onde foi encontrada há quase quatro anos.